



2015 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 11 - Educação, Comunicação e Tecnologia

O toca-discos, o bracelete, o youtuber: ensaio sobre experiência, tecnologia e tempo  
Ananda Vargas Hilgert - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O seguinte artigo-ensaio trata de possíveis relações entre tecnologia, nostalgia e experiência, colocando em jogo, também, noções de tempo, memória e contemporâneo; apostando na necessidade de problematizarmos algumas noções já sedimentadas sobre a presença das tecnologias em nossas vidas. Através de uma escrita ensaística, há um entrelaçamento de um *corpus* diverso abrangendo desde um relato pessoal, análises fílmicas e postagens em redes sociais, procurando desenvolver questionamentos filosóficos sobre as temáticas apresentadas. Oscilamos entre o exagero e a falta, vivemos em um paradoxo nostálgico e futurista e, considerando isso, talvez seja necessário pensar filosoficamente, para os dias de hoje, o que pode configurar-se efetivamente como experiência, o que seria estar com o outro, compartilhar, tentar (sempre em vão?) preencher um vazio (que, por sua vez, parece quase transbordado de excessos).

### **O toca-discos, o bracelete, o youtuber: ensaio sobre experiência, tecnologia e tempo**

Resumo: O seguinte artigo-ensaio trata de possíveis relações entre tecnologia, nostalgia e experiência, colocando em jogo, também, noções de tempo, memória e contemporâneo; apostando na necessidade de problematizarmos algumas noções já sedimentadas sobre a presença das tecnologias em nossas vidas. Através de uma escrita ensaística, há um entrelaçamento de um *corpus* diverso abrangendo desde um relato pessoal, análises fílmicas e postagens em redes sociais, procurando desenvolver questionamentos filosóficos sobre as temáticas apresentadas. Oscilamos entre o exagero e a falta, vivemos em um paradoxo nostálgico e futurista e, considerando isso, talvez seja necessário pensar filosoficamente, para os dias de hoje, o que pode configurar-se efetivamente como experiência, o que seria estar com o outro, compartilhar, tentar (sempre em vão?) preencher um vazio (que, por sua vez, parece quase transbordado de excessos).

Palavras-chave: tecnologia, nostalgia, experiência.

Que relações desenvolvemos hoje com tecnologias, experiência e tempo? E de que forma estão em jogo entrelaçamentos entre as novas tecnologias e uma possível nostalgia? Apostando em uma necessidade de problematizarmos[1] noções já sedimentadas sobre a presença das tecnologias em nossas vidas, pretendo elaborar neste artigo-ensaio algumas possibilidades de produção de pensamento sobre os temas da experiência, do tempo e do possível paradoxo de um contemporâneo[2] que parece ser tecnológico e nostálgico ao mesmo tempo.

Divido este ensaio em duas partes. A primeira entrelaça um relato pessoal, uma breve análise do filme *Aquarius*, dirigido por Kleber Mendonça Filho, e um relato retirado do livro *Evocative Objects*, de Sherry Turkle, com o trabalho teórico de autores como Walter Benjamin e Hans Ulrich Gumbrecht, na busca por traçar possíveis caminhos na relação entre tecnologias, nostalgia e memória com um conceito de experiência que parece estar em funcionamento hoje. A segunda parte traz um relato de sala de aula, o filme *Paris, Texas*, de Wim Wenders, uma palestra da plataforma TED talks e um vídeo de uma jovem *youtuber*. Esses materiais tão diferentes se fazem presentes aqui como uma possibilidade de complexificar o conceito de experiência elaborado, a partir de um pensamento sobre nossas relações com o tempo. Considera-se o quanto parece relevante, hoje, problematizar os estudos sobre tecnologia e comunicação, especialmente na área da educação, buscando por um possível pensamento filosófico sobre o contemporâneo, sobre possíveis anseios, vontades, buscas do nosso presente.

#### **1. O toca-discos, o bracelete, o Kindle**

Em uma conversa com amigos sobre o uso de *Kindle*[3], alguns me disseram o quanto se adaptaram bem e sentiram até que ele e o aparelho “foram feitos um para o outro”. Eu nunca consegui ler um livro inteiro usando *Kindle*. Só leio no computador textos curtos, os quais, provavelmente, não precisarei ler de novo. Gosto do livro, do papel, da capa, do folhear. Gosto também de livros usados.

Nessa discussão com amigos, para tentar provar meu ponto sobre aquele “algo a mais” que eu via nos livros, peguei na minha estante uma história em quadrinhos que eu havia comprado em um sebo, uma adaptação da história *A Ilha do Tesouro*, de R. L. Stevenson, feita por Hugo Pratt. Abri e li a dedicatória, que estava escrita na primeira folha:

Amor, não chegou ainda o que eu queria te dar, então te mando este, pra vadiar. Acho que tu não tem. Tomara que goste. Aqui tá começando o frio, mas tô legal, acho que vai dar mesmo pra passar no lance. Vai ser bom, vou ganhar mais. As coisas vão melhorando aos pouquinhos, já dá até pra levar minha vida numa boa sozinha, vi isso ontem, mas aí vi que sou feliz demais contigo e que quero viver junto de ti. É bom sentir isso. Acho que sou feliz. Esse fim de semana vou pra aí, mas só no sábado, vê se dá pra vir na sexta. O Neco tá querendo ir. Te amo muito.

Susane  
maio/86

Pouco tempo depois desse episódio, inundado de uma possível nostalgia da minha parte, assisti ao filme *Aquarius*. Uma das primeiras cenas é uma entrevista com Clara, personagem de Sônia Braga, em que perguntam a ela se gosta de mp3, ou se ela só escuta música em disco de vinil. Clara responde muito tranquilamente que usa todos os tipos de mídias, mas pede para contar uma história sobre esse assunto.

Ela se levanta e pega o disco de vinil *Double Fantasy*, de John Lennon, da sua coleção. Conta sobre quando comprou o disco e mostra a reportagem que traz uma entrevista com John Lennon, encontrada dentro da capa do vinil. Fascinada, Clara narra a trajetória desse objeto, tentando mostrar toda a história que ele carrega. Diferente de ouvir música em algum serviço de *streaming on-line*, toda vez que ela coloca o disco para tocar em casa, relembra a história, relê a reportagem, toca na trajetória de um objeto cheio de memória, memória essa que não é apenas pessoal: justamente por ser coletiva, de certa forma compartilhada, é que aquilo tudo parece ser significativo para a personagem

Clara.

Na introdução do livro *Evocative Objects*, Sherry Turkle divide com o leitor uma história pessoal sobre a particular relação com uma caixa de objetos da sua mãe e sua tia. Todo domingo, visitava a avó e pedia para olhar a caixa, que ficava no sótão. Passava horas olhando fotos, lendo cartas, procurando algum traço de seu pai (que ela nunca conheceu) em alguma foto recortada. Sherry Turkle se define como uma colecionadora desde então, alguém que sempre fez colagens, teve caixas com objetos, colocou lado a lado fotos, enfeites, pingentes, enfim, objetos diversos que pudessem contar uma história, que pudessem trazer uma lembrança, construir uma memória. O livro *Evocative Objects* é feito de relatos tais como esse de Turkle – várias pessoas diferentes falando das suas relações com diversos objetos, do fungo estudado em laboratório a um trem em Melbourne, da múmia em um museu ao *laptop*:

Em todo caso, o foco do autor não é o poder instrumental do objeto – o quão rápido o trem viaja ou o computador calcula – mas o objeto como um companheiro em uma experiência de vida: como o trem conecta mundos e emoções, como o espaço entre o teclado do computador e a tela cria uma espécie de possibilidade erótica (TURKLE, p. 5, 2011, tradução minha).

Um dos relatos presentes no livro, feito por Irene McLaughlin, trata da relação entre um bracelete e a admiração por uma mulher colecionadora de diversos tipos de objetos. Irene diz usar esse bracelete quando quer “evocar os espíritos de suas ancestrais e seus aliados” (idem, p. 112, tradução minha). Ela diz se sentir como uma super-heróina usando uma armadura forjada com ferramentas rudimentares. Mas o que parece mais importante nesse relato é o fato de o bracelete ter pertencido à Irma, uma vendedora e colecionadora de artigos históricos, antigos e, especialmente, de cultura indígena norte-americana. A fascinação de Irene por Irma se confunde com sua relação com os objetos e fica claro o quanto o bracelete ou outros artigos vendidos por Irma são importantes, pela relação de afeto que eles constroem entre clientes e vendedora. Irene fala usando palavras fortes e poéticas que nos fazem sentir a personalidade marcante de Irma: “Ela irradia uma vitalidade que atrai as pessoas para a sua órbita e as compele a responder com bondade. (...) Elas compram coisas não só pelo valor artístico e cultural, mas também para capturar uma impressão da passagem de Irma, suas escolhas e experiências” (TURKLE, p. 112, 2011, tradução minha).

A caixa de fotos da mãe de Sherry Turkle, o bracelete de Irene, o disco de Clara e minha história em quadrinhos com uma dedicatória dos anos 80 são objetos que evocam memórias, mas não necessariamente memórias vividas pessoalmente por cada dono atual do objeto. Não fui eu a escrever aquela dedicatória, nem mesmo conheço quem a fez. No entanto, algo me convoca naquelas palavras, naquela data, naquela dedicatória manuscrita. Que tipo de relação com tempo e memória certos objetos podem provocar? Em que medida a experiência do outro também me diz respeito? Turkle afirma a importância do objeto como algo relacionado à *experiência* de vida. Pergunto, então: de que forma podemos relacionar memória e experiência? Seria essa necessariamente uma experiência particular, vivida entre a pessoa e o objeto guardado?

Ao assistir à cena do filme *Aquarius* aqui descrita, percebi o quão Clara eu fui ao mostrar a dedicatória presente em *A Ilha do Tesouro* para, de alguma forma, provar o meu (possivelmente romântico) ponto de vista – mostrar que livro de papel (e usado!) carregava algo que um *Kindle* não poderia contemplar. Algo de Clara me constitui. Algo de Clara parece constituir nosso tempo.

A personagem Clara não é retratada como uma nostálgica, presa no passado. O fato de ela estar presente em um filme, feito em 2016, parece indicar que algo daquela mulher circula aqui e agora, algo dela é contemporâneo, exatamente por parecer às vezes deslocado. Da mesma forma, será que podemos dizer que a coleção de memórias, organizada no livro de Turkle, seria algo apenas nostálgico? Apenas o apelo de alguém com medo da “vida virtual”, do “desapego” por objetos, da supervalorização da “nuvem”?

Clara é bastante próxima de seu sobrinho Tomáz e acaba conhecendo a namorada dele. Júlia, a namorada de Tomáz, fica encantada com a coleção de discos de vinil de Clara e pede para colocar uma música de que gosta muito. Ela coloca a música para tocar e fica olhando para Clara, que lhe devolve o olhar. Ambas ficam se observando e sorrindo enquanto escutam *Pai e Mãe*, de Gilberto Gil, no toca-discos.

Vejo essa cena como uma quebra no que poderia ser uma interpretação fácil e redutora da história de Clara: embate entre gerações, juventude *versus* velhice, progresso *versus* passado etc. Se a história fosse só Clara *versus* Diego<sup>[4]</sup>, talvez o filme fosse só isso, uma narrativa apenas sobre conflito de gerações. Mas essa pequena cena, entre outras tantas, quebra com todo esse dualismo, e por isso trago o filme para esse debate: justamente por lidar com nostalgia, com memória, com tecnologia, em meio a pequenas delicadezas que racham com dicotomias. Há algo de Clara em Júlia. Há algo de Clara em uma certa juventude contemporânea. Há algo de jovem em Clara. E parece existir aqui, na junção dessas histórias, algo a se atentar para pensarmos o que é ser contemporâneo hoje.

A partir dessa colagem de histórias e referências, pergunto: Como podemos pensar memória e objetos de memória em relação a um certo conceito de experiência? Em que medida procuramos por experiência nas nossas relações com objetos, tempo e memória? Que experiência é essa que diz respeito a um compartilhamento, a uma relação contemporânea com memória, tecnologia e nostalgia?

## 1. 2. O convite para um café e a curtida

A experiência tem algo de escorregadio e misterioso, público e partilhado. Parece-me, junto com autores como Walter Benjamin, que algo só pode ser da ordem da experiência (ou pelo menos de um certo conceito de experiência que aqui se ensaia), porque assim é também para o outro. Há algo de alteridade na experiência, de presença de um outro. Clara conta a história de seu disco imaginando quem o comprou antes dela, quem colocou a reportagem sobre John Lennon dentro da capa do disco, o quanto aquele objeto viajou, o quanto ele carrega uma história particular de passeios pelo mundo e uma história partilhada por milhares de pessoas que choraram por John Lennon, leram a reportagem, escutaram o disco em suas casas. Irene, no relato sobre o bracelete, fala do quanto os objetos antigos vendidos por Irma possibilitam uma relação de cumplicidade entre clientes e artistas, que vão até Irma mais para estar presente em um ambiente cheio de afeto e arte do que para adquirir os objetos em si. Um dos meus amigos, que defendia comigo o uso do livro de papel, disse que uma das características que mais o agrada nessa possível “aura” do objeto livro é poder emprestá-lo a alguém, é saber que, quando não quiser mais aquele livro, ele pode dar, vender, compartilhar e não simplesmente apagar o arquivo da memória do *Kindle*.

Não se trata aqui, de maneira alguma, de criar uma hierarquização de experiências, estabelecendo o livro ou o disco como os objetos que “permitem” experiência e o *Kindle* ou computador como produtos tecnológicos que estão na contramão da experiência. Justamente é dessa ideia polarizadora entre novas tecnologias e tecnologias “ultrapassadas” da qual pretendo me distanciar. A ideia de experiência que tento elaborar aqui se pretende mais complexa do que isso, do que algo localizado ou não em um objeto. Trago tais relatos porque eles dizem alguma coisa sobre experiência, partilha e memória – que extrapola o individual. A questão não parece estar somente no objeto em si, mas no que acontece na relação entre o disco e Clara, meu amigo e o livro que ele pode emprestar, Irene e o bracelete de Irma. Algo salta, pulsa no relato sobre um objeto que fala sobre a experiência de compartilhar uma memória, um sentimento. Parece-me que, talvez, o que importa aqui não é apenas a presença de um disco de vinil (ou qualquer outro objeto), mas a fala de alguém sobre a sua relação com seus discos.

Para Benjamin, um dos fatores que apontaram para um possível fim da nossa faculdade de narrar, e também da possibilidade de se ter e compartilhar experiências, foi o surgimento do romance, que permitiria uma leitura solitária, silenciosa e, portanto, não mais diria respeito ao compartilhamento de uma narração. Podemos revisitar os ensaios de Benjamin hoje, sem necessariamente “recortar e colar” seu pensamento; revisitar no sentido de talvez escutar ali certos ruídos que ainda nos dizem respeito. Ao citar as consequências das práticas com o romance, Benjamin problematiza o tema do compartilhamento, de estar com o outro (o que seria “estar com o outro” hoje?), como algo muito importante para a narração e a experiência. Ora, ao dedicar-me às pesquisas na área da educação, tecnologia e comunicação hoje, percebo-me

percorrendo caminhos de estudo que parecem apontar, justamente, para um deslocamento e uma necessidade de pensar práticas contemporâneas relacionadas à memória, à tecnologia e à nostalgia, perguntando de que modo elas podem estar fundamentadas em uma certa ideia de experiência.

Ainda sobre experiência, mas explorando um caminho teórico diferente de Walter Benjamin, Marilena Chauí nos diz que a experiência criadora se dá por uma falta, uma lacuna. A experiência, então, ou a busca por ela, a vontade de entrar em contato com a potência criativa de uma experiência pode vir de um vazio. Será que podemos, então, relacionar certas práticas de nosso presente (como a coleção de discos de Clara, o meu próprio apego a um livro antigo com dedicatória, as coleções de Sherry Turkle etc.) com a necessidade contemporânea de viver um determinado tipo de experiência? Estaríamos diante de um vazio que incomoda, compele, move? Seria esse o mesmo vazio tão anunciado por Benjamin, Agamben e Kertész, e de que nos fala Larrosa no texto-conferência intitulado “A experiência e suas linguagens”? Vazio de experiência, vazio de narrativa, vazio de compartilhamento (justamente no mundo do compartilhamento virtual!)?

Vazio e excesso<sup>[5]</sup> aqui parecem se misturar e, talvez, justamente não nos caiba separá-los, nem definir quando se trata de excesso e quando de vazio, mas aceitar o quanto eles necessariamente parecem vir juntos no nosso contexto atual. O quanto o excesso de “curtidas” faz a Laís sentir falta do “olho no olho”. Oscilamos entre o exagero e a falta, vivemos em um paradoxo nostálgico e futurista e, considerando isso, talvez seja necessário pensar filosoficamente, para os dias de hoje, o que pode configurar-se efetivamente como experiência, o que seria estar com o outro (a curtida e o convite para um café), compartilhar, tentar (sempre em vão?) preencher um vazio (que, por sua vez, parece quase transbordado de excessos).

O que parece delinear, então, um possível conceito de experiência aqui seria a consideração sobre seu caráter de partilha, de alteridade, de presença do outro, além da vontade de tentar preencher alguns vazios-excessos de uma certa vida contemporânea. Parece-me necessário questionar o que seria falar de experiência hoje, depois de tantas teses<sup>[6]</sup> de anúncio do fim da experiência. Agamben nos diz que “todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer” (AGAMBEN, p. 21, 2005). Acredito, portanto, que não podemos falar sobre experiência hoje, especialmente no campo da educação, onde tal conceito é constantemente estudado, sem considerar a experiência como algo raro, algo talvez *pobre* como já nos anunciava Walter Benjamin em seu ensaio “Experiência e Pobreza”. Se a experiência não é mais algo que nos seja dado fazer, do que falamos, então, quando tratamos de experiência hoje?

Acredito que alguns aspectos que tento tratar aqui se aproximam muito do que Gumbrecht traz em seu livro *Nosso amplo presente – O tempo e a cultura contemporânea*. O autor fala de um presente expandido, diz que o passado parece inundar o presente, especialmente devido às novas tecnologias que permitem um acesso<sup>[7]</sup> muito fácil a *outros tempos*. “É cada dia mais difícil excluirmos do tempo de agora qualquer tipo de moda, ou música, das últimas décadas” (GUMBRECHT, p. 16, 2015).

A proposta de presente inundado de passado parece ser, então, uma nova relação com tempo e memória que precisamos considerar para nos pensarmos atualmente. Acredito que estejamos vivendo um contexto histórico que tem exigido um exercício de pensamento sobre como nos narramos, como nos relacionamos com nossas memórias, com o tempo que nos é dado a cada dia, com a possibilidade ou não de experiência. Talvez atentar para certas irrupções de passado no presente possa ser um caminho para tratarmos de tempo, memória e experiência hoje, especialmente considerando a educação como um lugar potencialmente privilegiado de contato com o outro, de dedicação a certos tempos, narrativas e memórias. Penso que podemos buscar em Gumbrecht alguns caminhos teóricos sobre o tema da experiência e do contemporâneo.

Em Gumbrecht encontraremos a palavra *presença* mais do que *experiência*, mas parece possível, com o devido rigor teórico, aproximar essas duas percepções. O autor faz um esforço para analisar o nosso contexto atual a partir dos estudos que já produziu previamente sobre produção de presença, destacando o quanto parecemos ter nos distanciado de momentos de presença, de tocar *nas coisas do mundo*, de *estar com* as coisas e os outros:

Se a globalização aumentou para maior parte de nós a possibilidade de fazer uma foto do Taj Mahal, da ópera de Sidney ou das igrejas barrocas de Ouro Preto com nossas câmeras digitais, também diminui a intensidade com que as coisas do mundo estão presentes perante nós, no sentido de serem tangíveis (GUMBRECHT, p. 44, 2015).

Estaria aqui o autor falando algo parecido com o que nos disse tantas vezes Walter Benjamin ao falar de pobreza de experiência? Ou como disse Agamben (2005) ao enumerar a rotina de trabalho do homem moderno como algo vazio de momentos de intensidade? Parece-me que sim, que podemos traçar esse paralelo entre presença e experiência a partir dos estudos desses autores aqui citados. Pretendo, ainda, tomar o cuidado para não deslizar para um pensamento puramente nostálgico, afirmando que “no passado tínhamos mais experiências e momentos de presença e intensidade que hoje em dia”. É justamente essa formulação que considero aqui limitadora das possibilidades de se pensar o contemporâneo; assim como seria o pensamento contrário, que exaltaria as novas tecnologias em detrimento daquilo visto como ultrapassado. Entendo que a ideia de presente amplo, inundado de possíveis passados, desmancharia certa noção nostálgica de que “o passado era melhor que o presente”.

Aproximar experiência e presença parece uma elaboração possível em relação à ideia da experiência como partilha, como estar com o outro, *estar na presença* do outro. Não pretendo aqui afirmar que experiência é partilha, é presença do outro, mas que a ideia de experiência, associada com memória, tempo, tecnologia e nostalgia, parece tocar em um certo conceito de alteridade, de compartilhar algo com alguém, de sentir-se na presença de algo/alguém. Lembro aqui, novamente, o disco de Clara e o bracelete de Irene: relatos sobre objetos, memória, tempo, que tocam na ideia de experiência que não está localizado no objeto em si, mas no que ele pode produzir de presença do outro, de compartilhamento de uma certa experiência. Novamente, então, destaco a relação e o relato de alguém, não o objeto antigo dotado de certa “aura”. Essas irrupções de passado no nosso amplo presente são aqui, portanto, de extrema importância quando lidam com algo que vai além da simples posse de um objeto “da moda”, procurando fugir de uma lógica mercadológica de consumo (que parece estar sempre nas bordas de qualquer debate sobre o contemporâneo). Não importa termos ou não uma coleção de discos de vinil, mas como nos relacionamos com ela, como isso pode nos redefinir, fazer-nos pensar sobre como nos constituímos hoje, como nos fazemos, hoje, *presentes* ou não.

Perguntar-se sobre experiência é saber que ela não é algo calculável, previsível, planejado. Não basta comprar um bracelete antigo para ter uma relação com alguém tão intenso como a Irma. Não basta comprar um disco do John Lennon para conseguir fazer um relato como o de Clara. Talvez, justamente por isso, trate-se aqui mais de uma *vontade de experiência* do que a existência da experiência em si. Esse pode ser um dos caminhos filosóficos a se pensar, considerando o que Agamben nos fala sobre a experiência não ser mais algo nos dado fazer hoje. Talvez a experiência seja algo a ser sempre buscado sem o intuito de “chegar lá”, sem a ilusão de apreendê-la. Acredito que falo aqui, então, de uma vontade que nos move. Vontade de estar *presente*, de compartilhar, de preencher vazios-excessos. Vontade essa que pode ser pensada a partir do estudo sobre um presente amplo, um contemporâneo anacrônico, um momento atual multiplicado por irrupções de passado.

## 2. O blues, o tédio, o youtuber

Trago aqui mais um relato para entrelaçar com os outros que foram citados neste ensaio a partir de observações em uma disciplina eletiva para os cursos de Pedagogia e Comunicação Social, que trabalha com os temas do cinema e da educação. Para esta aula, os alunos devem assistir a um filme por semana, para realizar um debate e uma produção escrita no final de cada encontro.

Um dos filmes trabalhados com os alunos foi *Paris, Texas*, de Wim Wenders. As aulas normalmente começavam com uma conversa de aproximação da experiência dos alunos sobre o filme, com as professoras perguntando, de modo geral, como os alunos receberam o filme, do que gostaram, do que não gostaram, quais momentos destacariam, etc. Logo nesse momento inicial, vários alunos falaram que dormiram durante o filme e não conseguiram terminar de assistir. Quando perguntados sobre o porquê disso, os alunos responderam da seguinte maneira:

*O filme é muito lento.*

*O filme é muito longo.*

*O filme é muito parado.*

O filme *Paris, Texas* justamente parece colocar em funcionamento algumas ideias sobre lentidão, silêncio, tempo, escuta. O filme trata disso na sua linguagem, na história, na trilha sonora, no ritmo, na caracterização dos personagens. E, justamente, um filme que poderia nos fazer pensar sobre as nossas relações com tempo, memória, experiência e narração, esse filme causa sono nos alunos. Pergunto, então, como poderíamos pensar esse acontecimento de sala de aula para além de uma ideia de causa e efeito, que procura na relação com as novas tecnologias e os seus vazios-excessos uma origem direta e causal, no caso, para o *sono* dos alunos? De que forma certas narrativas nos pensam, no sentido em que narram nosso tempo e a nós mesmos e, também, nos colocam em contato com *um outro tempo*? E, além disso, em que medida podemos (ou devemos) pensar isso nas nossas pesquisas do campo da educação? Como pode a educação pensar as nossas relações (de crianças, jovens e adultos) com o tempo, hoje?

Parecem estar em jogo aqui pelo menos dois sentidos de *tempo*: o tempo de outra época, o tempo passado inundando o presente; e o tempo do ritmo, da distribuição de tarefas, da organização de nossos dias, o tempo sentido no corpo, no balançar impaciente de pernas em uma palestra, o tempo que nos faz abrir o *Facebook* no celular para saber “o que está acontecendo” enquanto conversamos com um amigo. *Paris, Texas* me parece trabalhar, simultaneamente, com essas duas noções de tempo, na medida em que nos desloca para outro momento histórico, assim como para um ritmo específico, um *passar o tempo*, que pode ser sentido de forma *mais lenta*.

O entrelaçamento de materiais trazidos aqui parece ser potencializado por essa situação de sala de aula, podendo problematizar elementos sobre como temos nos constituído no presente, sobre o que é ser contemporâneo hoje, sobre a forma com que nos relacionamos com tempo, memória, experiência, tecnologia. Filmes como *Paris, Texas* podem colocar em jogo as relações até aqui mostradas, no momento em que nos coloca em contato com um *outro* silencioso e contemporaneamente deslocado de seu tempo.

Assim como a música “Dark was the night, cold was the ground” (composta por Blind Willie Johnson, e revisitada por Ry Cooder para o filme de Wim Wenders) que acompanha os personagens de *Paris, Texas* em diferentes versões, com solos de guitarra melancólicos, Travis (interpretado por Harry Dean Stanton) é um personagem-*blue*. Ele caminha sozinho e em silêncio pelo deserto, após ter vivido um trauma do qual não teremos conhecimento até o final do filme. A guitarra de Ry Cooder paira no ar, embala os passos de Travis, carrega-o pelo deserto em sua caminhada (De fuga? De busca de si? De culpa? De punição?), e deixa o espectador imerso em dúvida, angústia e numa possível pressa para entender, para receber respostas, para ouvir pelo menos uma palavra do personagem principal que, no entanto, nos nega qualquer sinal de resolução. Travis usa poucas palavras ao longo do filme, até o momento em que fala sem parar por vários minutos, em um monólogo que marca uma das cenas mais icônicas da narrativa; ou seja, o filme inteiro se deixa levar pelo silêncio do personagem, por sua calma e contemplação, sua melancolia e sua “falta de jeito”.

No processo de estudo sobre as temáticas expostas neste ensaio, especialmente no que diz respeito aos temas da tecnologia e da nostalgia, deparei-me, muitas vezes, com enunciações sobre a necessidade de parar, de não se dedicar a tantas atividades ao mesmo tempo. Já fazem parte de dizeres do senso comum certas noções como “as novas tecnologias nos deixaram ansiosos”, “não temos mais paciência de esperar”, “não conseguimos mais fazer apenas uma atividade por vez”. Esses dizeres comuns, que circulam, que aparecem em conversas, em postagens nas redes sociais, nas salas de aula, parecem-me de suma importância para pensarmos de que forma temos nos relacionado com tempo, memória e tecnologia, especialmente do ponto de vista da problematização foucaultiana.

Entre vários outros exemplos dessas manifestações de desejo (angústia, vontade) *deparar*, destaco a palestra de Pico Iyer, que pode ser encontrada na plataforma TED talk, intitulada *A arte da quietude*. Iyer começa narrando que sempre viajou muito, em grande parte da sua vida; começou a viajar pelo mundo a bordo de um navio aos 18 anos e conseguiu fazer do ato de viajar a sua profissão. Ele fala, então, que recentemente tem preferido viajar *para lugar nenhum*. O escritor destaca o quanto considera que as viagens só podem ser consideradas experiências de aprendizagem e transformação de si quando temos um tempo de parada após o retorno da viagem<sup>[8]</sup>. Ele diz que precisamos *elaborar* o que vivenciamos, e isso só pode ser feito ficando um pouco *parado*, sem fazer nada. Também afirma que “nada é tão urgente quanto parar um pouco, nada pode ser mais emocionante do que ir devagar”. Quando diz isso em sua palestra, Pico Iyer se refere a algo que ele tem enxergado no nosso presente, algo que percebe como urgente e necessário, para ele mesmo, para sua vida pessoal, e para as pessoas a sua volta. O escritor considera que estamos muito acelerados e não paramos para pensar sobre o que vivemos. No próprio site do TED talk, a palestra é descrita da seguinte forma: “É a palestra para todos que se sentem sufocados com as demandas de nosso mundo”. As tais “demandas de nosso mundo” citadas por Iyer estão geralmente ligadas às tecnologias, à facilidade de entrar em contato com uma pessoa, à dificuldade de ficarmos desconectados. Tal “excesso de disponibilidade” é inclusive ironizado por Gumbrecht na seguinte passagem:

Sei que a disponibilidade universal é geralmente considerada um efeito primordial e um valor incondicional da hiper comunicação eletrônica. Tem sido celebrada como valor democrático, mas é daqueles valores democráticos que Nietzsche associaria a uma situação de escravidão (GUMBRECHT, p. 116, 2015).

Destaco aqui o “diagnóstico do mundo” feito por Pico Iyer, não para encará-lo como uma verdade totalizadora, mas para pensar sobre o quanto essa discursividade circula em nossa sociedade em forma de enunciações que nos formam hoje, nos definem hoje como sujeitos contemporâneos<sup>[9]</sup>. De certa forma, aquilo que Pico Iyer nos aconselha a fazer é semelhante às atitudes do personagem Travis, que reivindica para si um tempo, tempo de pensar sobre o que lhe aconteceu, um tempo em silêncio, em ritmo desacelerado. E é esse tempo que, a meu ver, parece ter incomodado os alunos e levou-os a falar em aula sobre tédio, procrastinação, ansiedade, depressão.

“‘Quem viaja tem muito o que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe.” (BENJAMIN, p. 214, 2012). Em *Paris, Texas*, Travis é aquele que viaja e não tem o que contar, ou, pelo menos, não consegue contar. Ele vem de longe e fica hospedado na casa do irmão e da cunhada, mas não tem o que contar, não é esse tipo de viajante que vai dizer alguma coisa em algum lugar e depois retorna para dizer alguma coisa aqui, como nos diz Gilles Deleuze, que, a propósito, nos provoca, confessando ser “pouco inclinado às viagens; é preciso não se mexer demais para não espantar os devires” (DELEUZE, p. 176, 2013).

Retomando a temática da primeira parte deste ensaio, parece estar em jogo, no filme *Paris, Texas* e nas palavras dos estudiosos que aqui venho citando, uma ressignificação sobre ideias já sedimentadas em relação à experiência. Viajar é *necessariamente* experienciar e ter o que contar? Depois de relatar algumas situações de viagem que o incomodam (como turistas que, diante de monumentos e obras de arte, tiram inúmeras fotos, ou que para explorar uma cidade ficam dentro de um ônibus de turismo que os leva nos “pontos principais”, para depois deixá-los diretamente no aeroporto), Gumbrecht diz que “tornou-se difícil achar situações que mereçam ser chamadas de ‘experiência vivida’

(tradução do conceito alemão *Erleben*), no sentido de serem situações para as quais não dispomos de conceitos prontos-a-usar” (GUMBRECHT, p. 45, 2015).

Podemos assumir essa visão mais pessimista sobre o nosso mundo hoje, que não deixa de ser um diagnóstico importante para pensarmos sobre o que nos rodeia; no entanto, pretendo sugerir aqui que as situações de experiência vivida não são mais raras hoje do que no passado, mas são *outras*. Não se pode pensar no mundo hoje analisando-o a partir de ideias prontas sobre o que é experiência, o que é viagem, o que é presença. Por isso retomo o conceito de contemporâneo de Agamben, pois é preciso estarmos atentos às sombras em meio às luzes de nosso tempo. Ser contemporâneo é olhar para o seu próprio tempo para repensá-lo a partir daquilo que ele nos propõe, e acredito que uma possibilidade de *sombra* do nosso amplo presente seja perceber as relações entre um canal do *You Tube*, um filme *cult* alemão, um relato sobre a compra de um bracelete, uma discussão sobre *Kindle* e livro de papel.

O que procurei fazer neste ensaio foi um exercício de aproximação do que diz Foucault (2014) em relação à filosofia e “um diagnóstico do presente: dizer o que somos hoje e o que significa, hoje, dizer o que nós dizemos” (FOUCAULT, p. 34, 2014). Acredito que circulam hoje (nesse amplo presente) e pretendi mostrar isso com os diversos materiais analisados, dizeres paradoxais (e por isso mesmo filosóficos) sobre as nossas relações com as tecnologias, que podem nos apontar para uma problematização necessária no campo da educação. Talvez ser um educador-pesquisador contemporâneo passe por pensar experiência (ou vontade de experiência), tempo, memória, vazio-excesso, vontade de parar.

A ideia aqui foi mostrar que o possível entrelaçamento desses conceitos pode rachar com dicotomias e busca por origens, talvez seguindo mais um caminho apontado por Deleuze de pegar “as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de “a atualidade” (DELEUZE, p. 113, 2013). Proponho que, talvez, essa atualidade possa passar por um deslocamento anacrônico, uma manifestação nostálgica em meio a tantas novas tecnologias. Mais do que pensar “o poder” nos objetos em si (como muitas vezes fazemos quando emocionados exaltamos as possibilidades “democratizadoras” de um programa de computador), podemos problematizar que tipo de relação nós temos estabelecido com esses objetos que ns cercam. E de que forma essas relações colocam (ou não) em jogo uma vontade de experiência, de fazer-se presente. Acredito que uma urgência de nosso tempo seria pensar o que é estar presente hoje, o que é compartilhar, estar com o outro. Tentei aqui ensaiar um conceito de experiência relacionando-o com tantos elementos na busca de produzir mais questionamentos que possam nos deslocar de noções sedimentadas e totalizadoras.

#### Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é ser contemporâneo? E outros ensaios* Chapecó: Editora da Unechapeco, Associação Brasileira das Editorias Universitárias, 2009.
- ALMEIDA, Marco Antônio e CRIPPA, Giulia. Reconfigurações da nostalgia e do autêntico: memórias, patrimônios e tecnologias. In: *Dossiê Multimodalidade da memória: narrativa e teoria social*. Arquivos do CMD, volume 4, n. 1, jan/jul 2016.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única. Infância berlimense: 1900*. São Paulo: Autêntica, 2013.
- CHAUÍ, Marilena. *Experiência do Pensamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DELEUZE, Gilles. Rachar as coisas, rachar as palavras. In: \_\_\_\_\_. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.
- FOUCAULT, Michel. Polêmica, política e problematizações. In: \_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade, política. Ditos & escritos V*. Rio de Janeiro: Forense, 2010, p. 225-233.
- FOUCAULT, Michel. “Que é o senhor, professor Foucault?”. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos X: filosofia, diagnóstico do presente e verdade* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente. O tempo e a cultura contemporânea* São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- IYER, Pico. *A arte da quietude*. TED talk, 2014. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/pico\\_iyer\\_the\\_art\\_of\\_stillness?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/pico_iyer_the_art_of_stillness?language=pt-br)
- LARROSA, Jorge. A experiência e suas linguagens. In: \_\_\_\_\_. *Tremores. Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 35-56.
- TURKLE, Sherry. *Evocative objects*. Massachusetts: MIT Press paperback, 2011.

[1] Trato problematização aqui a partir do que Foucault diz no texto “Polêmica, política e problematização” (2010), em que problematizar se distanciar da polêmica, da polarização de ideias.

[2] Busco em Giorgio Agamben um pensamento filosófico sobre o que é ser contemporâneo. Agamben afirma que é necessário um certo anacronismo para sermos contemporâneos. Quem se identifica perfeitamente com o seu tempo não pode ser chamado de contemporâneo. Mais do que se adequar, o contemporâneo deve pensar o seu tempo. E, para Agamben, não há como pensar o seu próprio tempo sem um deslocamento que nos coloque numa posição de quem fixa o olhar no presente em que vive. Não coincidir totalmente com o tempo em que se vive não significa negá-lo, mas olhá-lo, pertencer a ele no sentido de tomar para si a tarefa de pensá-lo. Ser contemporâneo significa não se deixar cegar pelas luzes do seu tempo e perceber as sombras a problematizar.

[3] Aparelho utilizado para ler e-books.

[4] Diego é um personagem que tentar convencer Clara a vender seu apartamento para que ele possa construir um condomínio novo no lugar do prédio antigo onde ela mora. Ele usa palavras como “investimento”, “futuro”, “empreendedorismo”, como se ele carregasse a inovação e Clara fosse um empecilho para o progresso.

[5] No livro *A sociedade do cansaço*, o autor Byung-chul Han, citado no fim do capítulo anterior, fala de um excesso de positividade que ele vê no mundo atual. Seria um “dizer sim a tudo” que preenche, esgota e nos torna mais passivos diante das experiências. Esse excesso de positividade parece lidar também com esse par vazio/excesso, como um vazio que parece totalmente preenchido, mas que continua pobre de experiência. Ele diz que “o excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção” (HAN, 2015, p. 31).

[6] Os próprios estudiosos mais frequentemente citados aqui, como Benjamin, Agamben, Gumbrecht são exemplos de pensadores que nos desafiam a pensar sobre o fim da experiência hoje.

[7] Os pesquisadores Marco Antônio de Almeida e Giulia Crippa (2016) falam do quanto a própria evolução das capacidades tecnológicas é que parece provocar uma vontade de resgate nostálgico criando uma espécie de paradoxo em que há “de um lado, uma certa recusa ou reticência diante da tecnologia em prol de uma experiência/recuperação autêntica da tradição; de outro lado, a perspectiva do uso da tecnologia como possibilidade de recuperação/preservação do passado” (ALMEIDA e CRIPPA, p. 41, 2016).

[8] Lembro aqui, novamente, a filósofa Marilena Chauí (2002), que nos fala sobre a experiência ser aquilo que nos coloca para fora de nós mesmos, exigindo, depois, um retorno que possibilite a elaboração de um pensamento. Acredito que podemos aproximar essas percepções sobre experiência, mesmo que provenientes de lugares de fala tão distintos.

[9] A *youtuber* Luíza Junqueira, criadora do canal “Tá, querida”, postou recentemente um vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=OhYHC7jpdSo>) que ela mesma chamou de “vlog das suas férias contemplativas”. A jovem, que normalmente faz vídeos falando sobre corpo e feminismo, tintura de cabelo e roupas, fez, neste vídeo citado, uma série de imagens da sua casa e das suas poucas atividades na rotina de férias onde ela “foi para lugar nenhum”, e quis aproveitar o sol que entra na sua casa durante a tarde. Acho muito significativo colocar lado a lado aqui uma palestra de um escritor, uma citação do Gumbrecht, os alunos com sono assistindo ao filme de Wim Wenders e uma jovem *youtuber* falando sobre a vontade de não fazer nada nas férias. São esses elementos que parecem multiplicar o que é ser contemporâneo, e que me chamam a atenção desde o início desta pesquisa para certas relações atuais com tempo e formação de si hoje.